

O Progresso Catholico

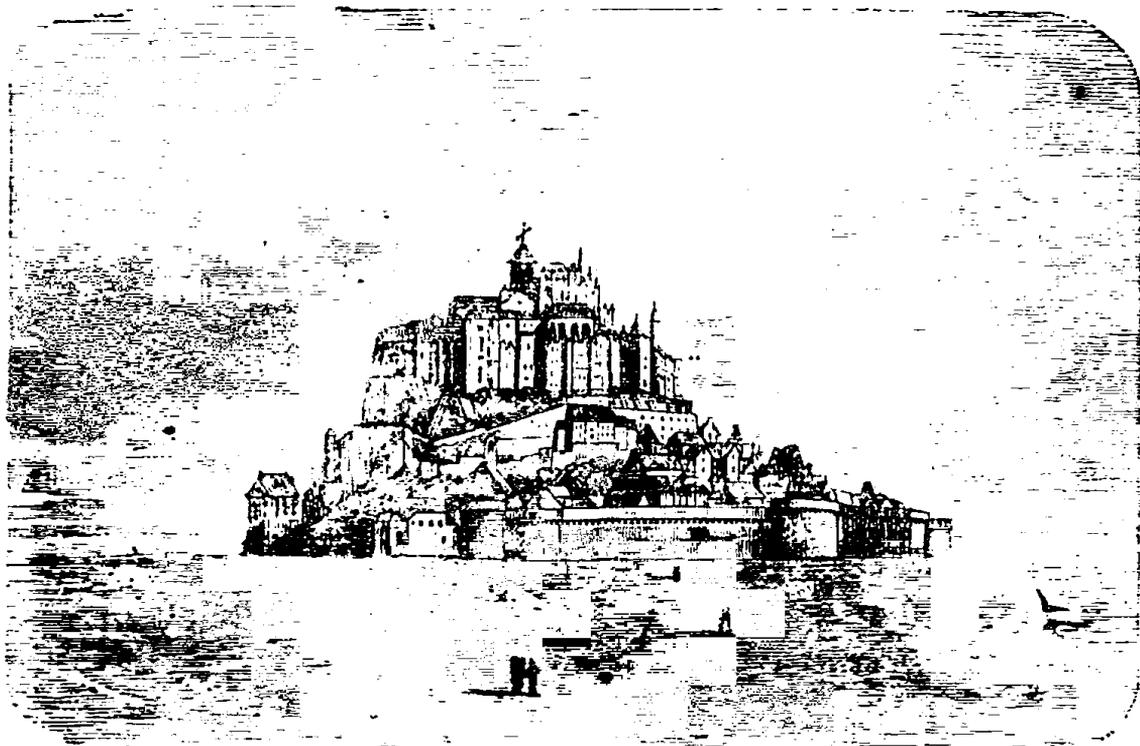
... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.



O MONTE S. MIGUEL E A ABBADIA DA MESMA INVOCACÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Homenagem à Santíssima Virgem no Mez de Maio

(Continuado de paginas 173 do 6.º Vol.)

III

De algumas devoções particulares ao culto da Virgem—O terço, o Angelus ou Ave-Marias—o Mez de Maria—As archiconfrarias—As Peregrinações.

DUAS ordens religiosas os Dominicanos e os Franciscanos levaram o culto da Virgem ao apogeu da pompa e poder de que não devia mais decahir. S. Domingos pela instituição do Rosario e os Franciscanos pela pregação do dogma da *Immaculada Conceição* levantaram-lhe, diz o conde de Montalembert, como duas magestosas columnas, uma de pratica, outra de theoria, do alto das quaes a suave magestade da Rainha dos An-

jos presidia à piedade e à sciencia catholica.

S. Domingos não é exactamente o instituidor do Rosario ou Terço especie de coroa ou capella de rosas offerecida à Virgem como um ramilhete de agradável aroma. Já de tempos immemoraveis as pessoas devotas rezavam uma serie de Pater e Ave, de *Padre nosso e Ave-Marias por cordões cheios de nós, per cordulam nodis distinctam* (1). Mas foi elle quem deu a esta reza a que ella tem de regular e solemne. Domingos, como homem de talento, conhecia o poder da associação, jul-

gou que era util applical-a à Saudação-Angelica e que este brado de todo um povo reunido subiria ao ceu com grande imperio. O Santo pensara bem, porque o terço hoje é geral em todo o orbe catholico. E se ficou sendo o livro da pobre mulher do povo que não sabe ler, nem por isso deixa de ser o das grandes intelligencias onde ellas vão beber a mais decisiva clareza e illustração. Foi no terço que Bossuet encontrou as mais felizes inspirações sobre os mysterios, foi no terço que S. Francisco Xavier encontrou este invencivel ardor da ca-

(1) O Padre Orimi. Alguns auctores affirmam que a origem do Rosario deve-se à primeira cruzada, e eis aqui segundo elles, as circumstancias que suggeriram a sua primeira idea. Tendo chegado ás muralhas de Constantinopla, Pedro o Ermita Galia notando um certo costume dos Turcos de rolarem ou passarem entre seus dedos sessenta grãos aos quaes elles ligavam certas invocações piedosas. Ora, durante a viagem, seus companheiros dos quaes o maior numero não levavam consigo mais do que o bordão, o alforge e bolsa, agitavam entre suas mãos

ramos e hastas de flores, enquanto que outros collocavam sobre a sua cabeça capellas de rosas. É mui verosimil que o santo ermita por imitação dos turcos e destes peregrinos, tivesse o modo de rezar chamado *corde pallerio da Virgem ou Rosario*. Mais tarde os grãos ou os glóbulos furados foram substituídos ás rosas e compozeram o Rosario e o Terço como hoje se usa. Attribue-se pois a S. Domingos a composição do Rosario em honra dos quinze principaes mysterios da nossa redempção, desde 1208 a 1211 na epoca dos Albigenses.

ridade que lhe valeu ajuntar á unidade do catholicismo mais povos e imperios do que a reforma serã já-mais capaz de lhe roubar.

O terço era a reza favorita do condestavel Anne de Montmorency, d'este homem ousado e empreendedor tanto nas lettras como nas armas e que teve a coragem de responder elevada e nobremente a Catherina de Medicis na morte de Henrique II:

O Francez nunca se cança no serviço de seus reis, mas nunca se sujeitarã ás leis dos estranhos.

Os nossos reis no tempo em que eram reis em tudo, isto é verdadeiros catholicos, não deixavam passar dia algum que não rezassem o terço; ainda hoje a verdadeira nobreza não deixa de tributar esta honra á mais nobre de todas as creaturas. Taes exemplos não deixarão de ser ridiculizados pelos racionalistas vendo passar estas fileiras de verdadeiros christãos unidos em a mesma reza e oração; lamentemol-os e gloriemo-nos de pertencer ao numero dos que, allumiados de melhor luz, comprehendem que o amor só tem uma palavra, e que pronunciando-a sempre nunca se repete (1). Era mister sermos bem mesquinhos para nos julgarmos despresados pelo uso de tão innocente pratica que fez o encanto de tantas almas dignas e nobres durante uma tão longa serie de seculos. O que n'esta pratica parece ser pueril isso mesmo serve para a sua santificação por ter sido o objecto da fé de nossos paes, d'aquelles que estavam mais perto de Jesus Christo do que nós pela sua humildade e simplicidade.

Fallando da Ave-Maria ou saudação angelica, naturalmente devemos fallar do *Angelus* ou das Ave-Marias.

O uso d'uma triplice oração remonta á mais alta antiguidade. O Psalmista tinha dito: *o Senhor me salvarã, no principio, no fim e no meio do dia; contar-lhe-hei meus males e elle ouvirã minha voz.* Por isso é que desde tempos immemoriaes havia o uso na Igreja de tocar o sino pela manhã, ao meio dia e á noite, para saudar a Mãe de Deus e recordar a Incarnação do Verbo.

Emquanto á reza do *Angelus* ou *Ave-Marias* alguns auctores attribuem-a ao Papa João XXII, portuguez que teria feito seguir as Ave-Marias dos versiculos com que as acompanhamos hoje. Esta suave e consoladora pratica não foi a princi-

pio geral, mas no decimo quinto seculo o Papa Calixto III, afim de combateros bons successos dos exercitos de Mahomet II e não por medo de um cometa, ordenou a toda a Igreja que se implorasse o socorro de Deus por esta triplice invocação a Maria. Os successores d'este soberano pontifice recommendaram esta mesma devoção aos fieis. Lemfim Luiz XI que tinha uma devoção especial para com a SS. Virgem, fez publicar em 1472 que em todo reino de França se tocaria o sino pela manhã, ao meio dia, e á noite para convidar os christãos a rezarem as Ave-Marias.

No 1.º de Maio de 1472 diz João de Trozes, houve uma mui linda e notavel procissão na egreja de Pariz com um sermão pomposo pregado por um doutor em theologia o qual declarou entre outras cousas, que o rei tinha uma singular confiança na beinaventurada Virgem Maria, e por isso pedia e exhortava ao seu bom povo, que de ora avante, ao meio dia, quando se tocasse o sino grande na egreja de N. Senhora, todos ajoelhassem rezando a Ave-Maria pela paz e prosperidade da França. Desde esta epoca o sino resoa tres vezes por dia em todas as cidades, villas e aldeas. Então França eras grande, eras a christianissima chamada, hoje choram lagrimas de sangue teus filhos que se recordam de tão ditosos tempos em que seus reis respeitavam, acata-vam e defendiam e protegiam a Rainha excelsa pela insigne devoção que lhe tributavam! Póde ser que esta Virgem que tantas vezes baixou sobre o teu solo, deite sobre ti um olhar de misericordia e faça reviver teus antigos tempos de filha querida da Egreja.

A este mysterioso signal das Ave-Marias o verdadeiro christão suspende seu trabalho e levanta seu coração para Deus; repete as palavras que o anjõ dirigiu a Maria, annunciando-lhe o nascimento d'um filho que o Ceu e a terra deviam bemdizer. Confia na protecção da Virgem que venceu o peccado e o mal e anima-se pela idéa da recompensa que seus trabalhos e fadigas esperam.

Não conhecemos uso mais tocante, mais santo, mais moral do que este. Quando estes sons aereos que nos fallam da eternidade, não tivessem outro effeito do que procurar ao trabalhador isolado um momento de repouso e de consolação, seria já por isso uma instituição admiravel a das Ave-Marias; mas elle tem um

alcançe muito mais vasto, mais social, mais divino. O mesmo sino ordinariamente só nos annuncia a fugida do tempo, das horas e a successão de nossos soffrimentos. Cada vez que o ouvimos pensamos involuntariamente na triste rapidez d'esta vida mortal, nas penas, nas fadigas, nas inimizades que a envenenam; quando se toca ás Ave-Marias, é tambem uma hora que toca, mas para o christão que ora com fé, é a hora do perdão na terra e no ceu (1).

Estava reservado para nosso seculo o ver estabelecer-se esta piedosa devoção que consagra a Maria o mais bello de todos os mezes do anno, a que os nossos paes chamam o mez da *renova, da primavera.* Mais é, com effeito o mez da renovação da vida. Tudo abre, tudo desabrocha ao doce sopro de suas aragens e virações; e o que se dá com as flores dá-se com as almas.

O coração sente-se fortemente impellido para a adoração, e toda a natureza parece exhalar um manancial de bem estar e de serenidade, um suspiro de perfume, de ternura e de amor. Na epocha do paganismo, o espirito do mal apoderou-se d'estas ardentes aspirações e utilizou-se d'ellas para as suas pompas e seus divertimentos. Pertencia aos servos da Virgem immaculada purificar estas lembranças d'outros tempos, celebrando o doce despertar da natureza, não já em nome das divindades impuras, mas em nome da casta e toda misericordiosa Rainha do Ceu (2). D'ora em diante, os primeiros bellos dias pertencerão á mais bella das Virgens e quando todas as artes lhe tinham tecido as mais gratas homenagens, virã tambem pela sua vez a primavera associar-se ao culto universal da poesia, da musica e da pintura.

N'estes dias encantadores em que o altar de Maria se converte nas cidades em um relicario onde brilham á porfia, as luzes, as flores, as sedas e as guarnições tão preciosas, não ha em França uma só egreja das aldeias por mais humilde que pareça que não se revista de festa e de triumpho. Se as ricas tapecerias lhe faltam, suppre-as pelo esmalte dos prados, pela fresca verdura dos bosques, e pelos veludos naturaes de suas leivas. Todas as tardes ao escurecer, os santos canticos dilatam o coração, todos os fieis são attrahidos pelo en-

(1) Lacordaire

(1) A Callet.

(2) A Senhora Condessa Drohojorska.

canto dos santos exercicios e todos os homens tanto indifferentes como os fervorosos, accodem, depois dos peniveis trabalhos do dia, retemperar e confortar sua alma antes de tomar o descanso da noite. Pelo orgão d'um santo pastor, Maria inspira a angelica pureza aos mancebos; a doçura, a ternura, a dedicação ás mães: a felicidade, a caridade e o mutuo amor aos esposos. O mez abençoado é emfim a escola de todos os affectos, de todas as devoções e de todas as grandezas moraes.

Quando veremos nós esta devoção propagada em todas as cidades do nosso Portugal, já não digo em todas as aldeias? Teremos nós porventura recebido menos favores da Virgem do que a França, do que a Hespanha e do que a Italia? Somos ou não somos nós todos seus filhos adoptivos pela entrega que Jesus lhe fez na pessoa de S. João, de todos os fieis no alto do Calvario! E' a mãe de piedade, de misericordia, é a nossa advogada, o refugio dos peccadores, a consoladora dos afflictos e basta-nos, sem mais titulos para a louvarmos, amarmos e dedicarmos-lhe um mez em as nossas devoções, tecendo-lhe uma coroa de louvores juntamente com as rosas e boninas que a natureza nos offerece para lhe offertermos.

Devia esta devoção praticar-se em todas as freguezias e as pessoas que a ella não podessem assistir deviam fazel-a em sua propria habitação; é o que já fazem muitas familias verdadeiramente christãos, e oxalá que este exemplo fosse imitado por todos os fieis!

Nos Seminarios sobretudo é uma necessidade a pratica d'esta devoção. E' necessario gravar no coração dos jovens levitas uma devoção grande, summa, uma devoção que nunca mais se apague para com a SS. Virgem. Ella é o martello das herezias e sem o seu auxilio, sem a sua protecção nunca poderão ter um ministerio fructuoso: é necessario que elles um dia ensinem ás suas ovelhas a recorrerem a Maria nas suas afflicções e inculcarem-lhe a devoção á Mãe de Deus como uma das mais necessarias para se alcançar a vida eterna.

E como poderão elles dar a que não tiverem, se não levarem do Seminario o seu coração cheio de amor para com Aquella que tanto nos amou e de quem o filho deve todos os dias receber fazendo-o descer do ceu á terra pela virtude das sacrosantas palavras da consagração? Felizmente já em quasi todos os

Seminarios se pratica esta importantissima devoção. No Seminario de Santarem faz-se com pompa e solemnidade, e nos dias santos e domingos, a modesta mas devota e attrahente orchestra do Seminario realça esta devoção pelas suas variadas *Ladainhas*, *Ave-Marias* e *Tantum Ergo*.

Podemos affirmar que nenhum sahe d'este estabelecimento que não leve já no coração uma verdadeira e profunda devoção á Mãe de Deus e dos homens. O seu digno Reitor Monsenhor Xavier Pinto Homem fez o que pôde para que seus seminaristas sejam verdadeiros modelos em piedade e religião, não se poupando nem a trabalhos nem a despesas para que elles sejam dignos ministros do Senhor e por isso não é dos que julgam que as devoções bem cabidas, embotam o espirito e a intelligencia; pelo contrario são ellas que educam o coração e reprimem as paixões; são como o rocio que humedece a semente que a sabia e prudente direcção de seus confesores lhe lançam no coração e assim afeundam para um dia produzirem cento por um. Para este effeito e para que o mez de Maria se fizesse com maior brilho mandou vir de Braga uma bella imagem grande de N. Senhora das Graças e collocou-a por cima do altar mór onde se lhe forma um throno de luzes e flores, e assim se venera esta imagem durante este mez d'um modo mais solemne e mais publico.

(Continua.)

O Professor do Seminario Patriarchal

P.º J. A. T. N.

Missão em Cerva

Euntes ergo docete omnes gentes

Ao Divino Mestre perguntava um mancebo o que era necessario para se salvar, e Jesus respondeu: *Si vis ad vitam ingredi serva mandata*. Se queres alcançar a vida eterna observa os mandamentos.

O mesmo que Nosso Senhor Jesus Christo dizia outr'ora a esse mancebo tambem o diz agora a todos os fieis pela bocca de seus ministros a quem encarregou de continuar sua missão na terra: *Euntes ergo docete omnes gentes*.

E muitos dos ministros de Deus, fieis de alma, vida e coração a estas palavras do Divino Mestre, tudo sacrificam para lhe darem inteiro cumprimento: sacrificam sua liberdade, suas

paixões e seus haveres, e como se já não vivessem no mundo, só vivem para o mundo cumprindo a divina missão. Deixam o mundo com tudo que lhe é mais caro, deixam ás vezes as riquezas, as honras e os passatempos, deixam familia, parentes e amigos, deixam tudo para mais de perto seguir a Jesus: *Si vis perfectus esse, vende quae habes, et da pauperibus..... Si quis vult post me venire, abneget semetipsum...* Jesus pronunciou estas palavras e o seu echo não se perdeu no deserto, porque em todos os tempos teem calado em muitos corações, e se hoje vemos menos que as escutem e guardem não é mais que o resultado da guerra satanica e porfiada que lhe move a impiedade.

Mas é por isso mesmo que no ultimo quartel d'este seculo a que aos quatro ventos se proclama o seculo das luzes, da civilisação e do progresso, se está vendo tanta ignorancia, tantas trevas e tanta miseria; é que do cumprimento d'aquellas divinas palavras do Salvador resulta não só a felicidade eterna mas tambem a felicidade no mundo.

Não foi em vão que Jesus dissera: *docete omnes gentes*, é por isso que ao passo que rarêa essa instrucção, os povos se afastam do cumprimento da divina lei, e como consequencia necessaria vem sobre elles a miseria e a desolação. *Si non feceritis omnia mandata mea ego visitabo celeriter in egestate*.

Em verdade se hoje vemos bastante gente descuidada de sua alma, desprezando a religião em seus divinos preceitos, uma das principaes causas é sem duvida a ignorancia acerca das verdades da mesma religião. Não é raro encontrar-se gente instruida, mas que acerca da religião são mais ignorantes que um rapaz da escola, e como ainda não lobrigaram ou não reflectiram no *nosce te ipsum* do philosopho antigo, julgam-se os mais sabios. Sempre promptos a discutir sobre religião em qualquer parte que se encontrem, julgam-se habilitados (não sei em que escola) para resolver qualquer questão ainda das mais profundas da theologia; tal é a miseria a que leva o pernicioso orgulho. Se procuraram instruir-se foi apenas no roinãnce e no livro dos adversarios da nossa religião santa. E não se lembram esses miseraveis que os mais acerrimos inimigos da religião, coitados, bem se arrependeram na hora fatal: mas para alguns a contricção n'esse momento supremo foi morta, conformando-me com o dizer do Santo Agostinho.

Mas não admira nada que o homem chegue a estes excessos quando se precipita no lodaçal do vicio, ou se deixa dominar pelo orgulho e pela vaidade. Um homem importante e sabio do seculo passado, Rouguer chegou a dizer:

eu só fui incredulo enquanto que esta va pervertido.

O orgulhoso, que se julga superior a tudo e a todos, tudo quer sujeitar á critica de sua razão pervertida, os mesmos mysterios os mais santos da religião, e por isso tudo rejeita. Não pôde vêr uma religião que nivella todos os homens, e que ensina que o pobre e o ignorante quando justos, são maiores aos olhos de Deus que o sabio e o rico.

O homem dominado pela vaidade, esse, para passar por um homem acima do commum, para se tornar saliente, começa por ridicularisar os preceitos e as verdades as mais santas da religião, a cada passo diz que para se salvar basta ser um homem honrado. E esse miseravel por mais absurdos e patavadas que diga encontra sempre outro miseravel que o escuta e applaude. E' que um louco, diz um escriptor, encontra sempre outro louco que o admire.

E é nas classes medias onde especialmente vemos hoje grassar com intensidade essa epidemia da ignorancia religiosa, secundada pela corrupção, pelo orgulho ou pela vaidade. Pois é certo que o povo no geral ainda tem fé, mas infelizmente por toda a parte se encontram individuos que a uma gnorancia requintada em religião aliam ás vezes a corrupção, a vaidade ou orgulho, e que ou pelos seus haveres, ou pelos cargos que occupam exercem uma certa influencia nas turbas, e assim facilmente lhe vão innoculando o virus peçonhento da descrença.

E' por isso que hoje mais que nunca se torna necessario a diffusão da verdade.

Quantos que, vivem esquecidos de Deus, da divina lei e de sua alma, unicamente preoccupados com as cousas da terra, com os divertimentos e prazeres, dando largas a todas as suas paixões!

Quantos paes que esquecidos de seus deveres, longe de darem a educação a seus filhos, antes pelo contrario lhes dão o mau exemplo, o escandalo: e o resultado é verem-se tantos filhos desobedientes e sem respeito, que são a vergonha das familias e o escandalo vivo da sociedade: e n'este estado a familia em lugar de ser o sanctuario da paz e o sustentaculo da sociedade, tornam-se, para assim dizer, um inferno e o germen da dissolução social.

Quantos que não respeitam a honra e até ás vezes a vida de seus similhantes alimentando odios e inimizades irreconciliaveis!

Quantos que arrastando ao lodacal da impureza uma desgraçada, a abandonam cercada de filhos e de miseria, quando essas miseraveis para encobrirem o seu crime não dão a morte ao fructo de suas entranhas, ou o não expõem na praça publica a morrer de frio

e a ser devorado pelos animaes, o que não é raro!

Quantos que por todos os meios e ainda exercendo altos cargos, não respeitam o alheio, apoderando-se muitas vezes d'aquillo que é alcançado á custa de muitos suores!

Quantos que calcam aos pés a fama e o credito de seus similhantes, roubando assim um bem mais precioso do que todas as riquezas do mundo, no dizer do Espirito Santo!

Mas em meio de tanta desordem apparecem os enviados de Deus a annunciar a divina palavra, e assim como outr'ora os povos se esqueciam até de dormir e comer para seguir a Jesus atravez dos desertos e ao longo das praias do mar, atraídos pela força irresistivel da divina palavra, assim tambem hoje os povos correm em tropel aos templos quando a palavra de Deus jorra da bocca de seus fieis ministros.

E' que a palavra que elles annunciam não é a palavra d'um homem nem ainda d'um anjo, mas é a palavra do proprio Deus: *Verbum Dei*, é a palavra de salvação: *Verbum salutis*. Quando o o ministro de Deus a annuncia é o proprio Jesus Christo que falla pela sua bocca: *Pro Christo legatione fungimur*, diz o Apostolo.

E á força da divina palavra, porque é a mesma verdade, ninguem ha que possa resistir: poderá alguem não a pôr por obra se porventura não quer largar o vestido da corrupção, do orgulho ou da vaidade, mas ninguem ha que a não erça se a escuta. E' por isso que todos os dias o hereje e o selvagem abominam seus erros para entrarem no seio da Igreja Mãe, e por isso que todos os dias peccadores os mais obstinados no vicio e no crime deixam seu caminho errado para entrarem no caminho da vida.

A experiencia quotidiana o está mostrando. Entra uma missão em uma cidade, em uma villa, em uma aldeia, a palavra de Deus sóa do alto da cadeira da verdade, annuncia-lhe um Deus de misericordia, de amor e justiça, propõe-lhe os seus preceitos, chama-os ao tribunal da penitencia para remediar seus males, e o povo entra no caminho de seus deveres. Já se voltam para Deus, já cuidam de sua alma, já respeitam e amam seu proximo, e a paz, a felicidade começa a reinar n'aquella povoação.

O pae de familia começa a entrar no cumprimento de seus deveres, os filhos já são obedientes, já respeitam e amam seus paes, e as familias tornam-se o sanctuario da paz e da felicidade.

Os odios e as inimizades que pareciam irreconciliaveis desaparecem pelo abraço da paz e da reconciliação.

Os peccadores publicos emendam

suas faltas, os escandalos dos amancebados que tão grandes males causavam por seus maus exemplos desaparecem pelo laço santo do matrimonio, e aquelles filhos desgraçados que gemiam de frio e fome creados á lei da natureza já teem um pae que lhes ministre o pão e a educação.

Os damnos causados ao proximo são reparados por uma prompta restituição.

E assim preparado o caminho para a felicidade eterna, começa já a reinar a paz, e a felicidade na terra.

Foi o que ha pouco ainda aconteceu na freguezia de Cerva, onde as Srs.^{as} D. Emilia Candida de Almeida e sua irmã D. Emilia sempre incansaveis em procurar o bem e a felicidade de sua freguezia, ha quatorze annos que haviam promovido uma missão dirigida pelo hoje Arcebispo de Mytilene Monsenhor Rebello de Menezes e Rev.^{mo} Padre Meli, de que provieram os melhores resultados. Mas suas Exc.^{as} que nunca se cançam em fazer bem acabam de promover uma nova missão, que foi dada por dous incansaveis padres do Baratojo, e que se não pouparam a fadigas e trabalhos para que d'ella auferissem os melhores resultados, o que de facto conseguiram.

Fr. Manoel das Chagas e Fr. Domingos chegaram a Cerva no dia 15 de janeiro e abriram a missão no dia seguinte. Se no primeiro dia a affluencia não foi consideravel, nos dias que se seguiram até ao termo da missão, a igreja parochial, que é das maiores, era todavia pequena para accomodar tantos fieis que da freguezia e ainda das circumvisinhas corriam pressurosos a ouvir a palavra de Deus.

Por trabalhos do mesmo genero e na mesma occasião, não assisti a esta fructuosa missão, do que me resta bastante pesar.

Apenas pude assistir dous dias em que por duas vezes n'uma pratica e n'um sermão, ouvi Fr. Manoel das Chagas, o prégador sempre admiravel e ainda no verdor dos annos; possuido d'um espirito intimamente apostolico, o vigor, a intimativa a unção de sua palavra, prende, arrebatada os corações de todos que tem a felicidade de o escutar.

Ha quatro para cinco annos que eu o tinha ouvido em Braga por differentes vezes, e é já bem conhecido nas principaes terras do nosso Portugal pelos seus trabalhos apostolicos.

Fr. Domingos não pude ter occasião de o ouvir, mas é já bem conhecido por sua alta competencia e profunda dedicacão apostolica.

Segundo me informam, a concorrencia á missão foi sempre magna. Foi grandioso o numero de confissões geraes, muitos peccadores publicos deixa-

ram o caminho errado do peccado, muitos escandalos foram removidos, amancebados que deixaram a occasião do peccado e do escandalo reconciliando-se pela união santa do matrimonio; falla-se em vinte e tantos casamentos, alguns já feitos e outros em via de se realisarem, todos promovidos pela missão. Inimigos capitaes reconciliados, restituições, enfim todos os bens de que é capaz uma fructuosa missão.

Durou a missão vinte e seis dias que foram outros tantos dias de duro e assiduo trabalho para os dois zelosos missionarios, que se viram sempre sós á frente de tantos fieis que anciosos procuravam o tribunal da penitencia para se reconciliarem com o nosso bom Deus.

E era tal a influencia de fieis que lhes era necessario seis, sete e oito dias procurar o confessor para poder chegar a sua vez; mas anciosos de purificar a sua alma não os desanimava esta difficuldade.

Sobrecarregados com tão penoso trabalho os dois zelosos missionarios se acharam afinal incommodados de saude, com especialidade Fr. Domingos, que alguns dias teve de guardar a cama.

E tão fructuosas foram as palavras dos dois dedicados apostolos que quinze ou vinte dias que se demorassem a mais, se possivel fosse, ainda não poderiam ouvir de confissão os muitos fieis que anciosos a procuravam, apesar de confessarem por dia cerca de sessenta pessoas, ou mais ainda.

Mas já cansados de tão aturado e duro trabalho forçoso lhes foi o retirarem-se para, com algum descanso, recobrem novas forças alim de poderem continuar seus trabalhos apostolicos em outra parte, onde anciosos os esperavam.

Segundo me dizem acham-se actualmente em Mező-Frío, e por isso d'aqui envio um aperto de mão ao meu conhecido e amigo Parocho, P.º Luiz Queiroz que teve a felicidade de vêr na sua freguezia e a seu pedido tão dedicados apostolos da divina palavra.

Que a graça do Altissimo os acompanhe sempre é o que do coração lhes desejo, e que se não esqueçam de quem estas linhas escreve, e dos fieis de Cerva que tanto sentiram a sua partida.

Limões, 17 de março de 1885.

P.º Manoel Affonso Machado da Costa.

SECÇÃO HISTORICA

Taboa chronologica dos Bispos de Dume desde a instituição do Bispado até á sua transferencia para Mondonhedo (1)

Numero d'ordem	Nomes e biographias	Annos que governaram
1	S. Martinho (2 natural de Pannonia (3), Abbade do Mosteiro de Dume, que fundara; ordenado Bispo em 556; assistiu em 561 ao 2.º Concilio Bracarense (chamado 1.º: passou a Metropolitano de Braga em 570, pouco mais ou menos, sendo junctamente Bispo de Dume; presidiu ao 3.º Concilio Bracarense (chamado 2.º) em 572; falleceu em Braga em 580; foi sepultado na igreja de Dume; ali venerado o seu corpo no tempo dos Godos; e continuando a sua veneração depois da expulsão dos Arabes, a cujo furor escapou por seculo e meio; foram alli visitados os reis de Portugal, D. João II e D. Manuel, e o infante seu filho D. Luiz; e ultimamente foi trasladado para a Sé de Braga em 1606.	Desde ? até 580
2	D. João—Foi monge ou conego de Dume—Achou-se no 3.º Concilio de Toledo em 589—No seu tempo apoderaram-se os Godos do Reino dos Suevos, uns e outros arianos, mas depois convertidos ao Catholicismo por Recaredo, filho de Leovigildo rei godo.	589
3	D. Benjamin—Em 610 assignou em Toledo o Decreto de Gundemaro, em que este rei auctorizou o Concilio, que então alli se celebrou.	610
4	D. Germano — Assignou no 4.º Concilio de Toledo celebrado em 633.	633
5	D. Pignenio—(duridoso)—Assistiu ao 6.º Concilio de Toledo celebrado em 638.	638
6	D. Recimiro, ou Avianchimaro (parece que foi successor immediato de D. Germano). Em 646 assignou no 7.º Concilio de Toledo. Foi tão esmolero, que passou a ser prodigo: em vida e por sua morte deu e deixou tudo aos pobres e diocesanos. Na ultima enfermidade, não podendo ir em pessoa ao 8.º concilio de Toledo, nomeou o Abbade Odulfo para ir assignar como seu procurador em 653. Foi examinado o seu testamento no concilio 10.º de Toledo e annullado pelos Padres incumbindo estes a S. Fructuozo, que entre elles mesmos se achava, a reparação dos damnos causados á igreja pelas suas esmolas, etc.	646
7	S. Fructuozo—, natural de Bierço, territorio das Asturias. Fundou muitos mosteiros, entre elles o de S. Fructuozo nos suburbios de Braga. Foi um dos Padres do concilio 10.º de Toledo, no qual assignou na qualidade de Bispo de Dume em 656. No mesmo concilio foi eleito Bispo Metropolitano de Braga pela deposição do Bispo Potamio. Morreu em 16 d'Abril de 659, ou 655, ou 667; foi sepultado na igreja do sobredito Mosteiro que hoje se chama de S. Fructuozo; o qual elle mesmo escolheu para sua sepultura, dedicando-a ao Salvador. No proprio sepulchro esteve alli por mais de quatro seculos.— Em 1102, sendo Arcebispo de Braga S. Geraldo, veio a esta cidade o Bispo de Compostella com alguns	

(1) Devemos esta taboa chronologica á obsequiosidade do nosso prezado amigo dr. Antonio José da Silva Corrêa Simões, digno professor do Seminario de Braga, o qual nos emprestou um manuscrito pertencente a um religioso do extinto convento dos Congregados da mesma cidade que se occupava de similhante assumpto.

(2) Vide: *Vida e obras de S. Martinho Dumiense* mandadas coordenar pelo Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.

(3) Comprehendida o que hoje é Carnia, Croncia, Windisch-Marte, Carinthia, Stíria, parte da Austria mais de metade da Hungria, Esclavonia, Bosnia, e parte da Servia.

Numero d'ordem	Nomes e biographias	Annos que governaram
	ecclesiasticos; e depois de ser hospedado com toda a honra pelo Santo arcebispo, em agradecimento da boa hospedagem furtou clandestinamente e fez conduzir a Compostella o corpo de S. Fructuoso com o de S. Victor.	
8	D. Leodigisio	675
9	D. Liuva.	681
	{ Arcebispos de Braga, foram junctamente Bispos de Dume pelos annos de 675 e 681.	
10	D. Vicente. Em 688 assistiu ao concilio 15.º de Toledo, como Bispo de Dume.	
11	D. Felix. Foi Bispo do Porto, d'onde passou a Arcebispo de Braga, sendo junctamente Bispo de Dume. Em 693 assistiu ao concilio 16.º de Toledo.	
	E' provavel, que no tempo do sobredito D. Felix, ou logo depois da sua morte, entrassem os Arabes na Hespanha, perdida a batalha de Guadalete em 714. Braga foi occupada por elles em 716.	
	O primeiro Bispo, de que ha memoria depois de D. Felix, é:—	
12	D. Martinho II.—Consta que em 832 assistiu á sagração da Igreja de Oviedo.	832
13	D. Sabarico. Não podendo soffrer por mais tempo as vexações dos arabes (com as quaes provavelmente elle, e alguns seus antecessores teriam transigido) fugiu com os seus monges para as Asturias, levando reliquia de S. Martinho Dumiense, e fez assento em um logar, chamado Mondonhede, em uma igreja, a que deu o titulo do mesmo sancto. Alli estabeleceu a sua sede com o titulo de Dumiense. Adveio approvação dos Bispos e consentimento de D. Afonso III, Rei de Leão e de Castella, o qual deu á igreja Dumiense em Mondonhede territorio, etc. Esta trasladação de sede aconteceu antes de 877; porque n'este anno é que se passou o Privilegio do sobredito Rei, do qual consta o referido Sabarico e seus successores, até que sendo Metropolitano D. Pedro, antecessor de S. Geraldo, foi supprimida a Diocese de Dume, incorporando-se na Primacial de Braga com todas as suas rendas. etc.	
	Um dos Bispos de Dume, successores de Sabarico, que mais illustrou aquella Igreja de Mondonhede, foi S. Rudusindo (Rosendo), de sangue real, nascido a 26 de Novembro de 907 e para a gloria a 1 de Março de 977.	

chefes da Lei e esta occasião lhe serviu para dar principio á lucta que tanto sangue havia custar. O apóstolo S. Thiago foi a victima escolhida para saciar a colera dos sacerdotes.

Quando a soldadesca maltratava nas ruas de Jerusalem os christãos, Thiago sahiu a defendel-os e foi preso. Para logo os da Sinagoga se dirigiram a Herodes pedindo-lhe que condemnasse á morte o Apóstolo, que foi logo encarcerado na torre Antonia, em carcere infecto e desfeito em agua, onde foi degolado pouco depois na occasião em que de joelhos orava. S. Pedro fez-se pressa em apparecer em Jerusalem para confortar os christãos, desanimados com a morte de Thiago, e desde logo o tyranno quiz sevar n'elle a sua vingança, mandando-o prender; e a mesma sorte de Thiago teria então o chefe dos fieis, se um anjo lhe não abrisse as portas da prisão.

E continuava a perseguição, e o sangue das victimas arregoava a terra, fortalecendo a arvore que depois de dezoito seculos havia cobrir 300 milhões de catholicos, em meio das perseguições dos modernos Agripas, e dos sacerdotes das sinagogas maçonicas. E crescia a perseguição, e cada corpo cahido aos pés da cruz era forte raiz que se estendia por todo o mundo; cada alma que voava á Bemaventurança, era fronde veridente que principiava a cobrir com a ramagem da fé e da caridade christã a pobre humanidade, até ali presa do estúpido e brutal fanatismo dos despotas e dos invejosos.

E recrescia a lucta travada entre um povo livre, que tinha por signa a cruz, e um povo de escravos que se rojava cobarde diante do estandarte dos Cezares. Mas a onda dos opprimidos cada dia se levantava mais, borrifando, com o sangue dos seus martyres, os degraus do throno, onde se recostavam os representantes do despotismo e da tyrannia, e os que tinham do seu lado os legionarios de Roma, as leis e a opinião publica. fugiam para o campo onde se solvantava o labaro do Calvario, e protestavam sua fé aos pés dos apóstolos.

E a perseguição seguia ovante ordenada por Agripa, que, como todos os tyrannos havia parar desastradamente em meio do seu caminho de crimes. E parou.

Um dia surgiram desavensas entre o tyranno, tyros e sidonios, e desejando Herodes reduzil-os á obe-

Lisboa—Abril de 1885.

Desembargador, Alfredo Elviro dos Santos.

Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Igreja, desde Herodes até nossos dias

(Continuado do pag. 113)

IX

HERODES AGRIPA I, REI DA JUDEA

(Morreu no anno 44 da era christã)

Depois da morte de Herodes, o Grande, occupou o throno da Judea seu filho Herodes Agripa, por mercê do imperador Caligula.

Neste tempo ardia medonhamente o facho da guerra contra os Christãos, e Herodes Agripa, tyranno como seu pae, deu largas aos desejos dos judeus. e a perseguição contra os filhos de Jesus Christo tornou-se feroz e sangrenta.

A este tempo estendia-se o christianismo pela Siria, e por todo o Oriente a cruz se erguia triumphante, fazendo agitar-se demasiadamente os animos dos filhos de Israel, que viam engrossar dia a dia as fileiras dos crentes nas verdades do Homem Deus. Agripa ansiava captar as boas graças dos

diencia, prohibiu a exportação de cereaes para o populoso paiz dos rebeldes, que não tardaram a enviar embaixadores que o offendido principe recebeu com as festas mais pomposas que até ali se haviam admirado.

N'esta mesma occasião celebrava a Cezarea festas esplendidas pelo restabelecimento do imperador, as quaes se juntaram ás com que Herodes Agripa queria obsequiar os seus hospedes. Ao segundo dia de festas, Herodes, ricamente vestido, ostentando as insignias da realza, e seguido do luzido cortejo de seus cortezans, infelizes escravos, dirigiu-se ao theatro occupando o lugar que lhe estava re-

servado n'um throno recamado de ouro e pedras preciosas. D'ali, de sobre o lugar do despotismo e da tyrannia, principiou a fallar ao povo, mostrando mais uma vez a eloquencia de que sabia servir-se para domar os exaltados e tornar-se agradável aos demais.

E de feito o povo, aquelle rebanho de escravos, que acclamava, nas festas o tyranno, que a seu bel prazer dispunha de suas vidas, sentia-se contente porque afora as pompas da corte, o dia estava esplendidamente bello e um sol formosissimo dardejava seus raios por sobre um povo em festa. E quando o despota coroado mais se enthusiasmara em meio do seu discurso, ir-

romperam de todas as partes gritos de—*Não é um homem que nos falla, mas sim um Deus!*

De repente, porém, e como que o sangue do Apostolo pedisse vingança, Herodes sente se mal, uma dor fortissima o consome, e é levado ao seu palacio onde morreu ao fim de cinco dias d'um padecimento horrivel e corruído de vermes.

Assim morreu o monstro que se comprasia em derramar sangue innocente, e assim teem morrido e morrerão todos os inimigos da Igreja.

(Continúa.)

T. J. de E. Frias.



CLAUSTRO DA ABBADIA DE S. MIGUEL.

SECÇÃO CRITICA

Que falta fazem os frades?

XIV

[Continuado de paginas 171 do volume 5.º]

MAS, disse-me, homens do seculo: porque destruísteis o convento e ensinasteis ao pobre povo a maldizer o frade, que era tão seu amigo? Porque privasteis a essa classe infeliz da companhia do frade, que sabia sempre de suas fileiras, que vivia e morria em meio d'ellas, falava a sua linguagem, enchugava-lhe os suores, ensinava seus filhos, assistia-lhe nas enfermidades, e os consolava na agonia? Porque roubaste o

frade ao nosso povo, o frade, que caminhava como elle por sobre o pó dos caminhos, gosava com elles em meio do bolicio e dos regosijos publicos, chorava com elle nas épocas de maiores calamidades? Que desde a invasão dos arabes até á de Napoleão, se achou sempre junto do povo, partilhando com elle dos martyrios e dos louros de cem combates, feridos em prol da independencia nacional?

Que fizesteis do frade, que era o homem mais popular, e mais do que isso, que era vosso irmão? Caim, onde está teu irmão Abel?

Ah! maldito serás, disse o Senhor, maldito sobre a terra que beben o sangue de teu irmão! Data infuusta, como estás vingada?

Homens do seculo, o pó que fizesteis erguer das sagradas ruinas; o vapor do sangue derramado; o pranto das victimas que arrojaste de seus azylos, será a ira de Deus que vos accusa, e o vosso castigo o estrondo que o socialismo faz ao bramir de baixo de vossos pés!

Deveis estar satisfeitos, porque se realison pontualmente o programma que vos ditará a seita maldita: já não ha conventos! E' verdade, já não ha conventos, mas ha *clubs*; já não ha frades, mas ha tribunos demagogos; já se não veem santas congregações por essas ruas, mas veem-se *gyeres* medonhas, ameaçadoras; já não ha missões de amor e paz, mas ha, em compensação, infernal propaganda de odios!

Vede, comparae os quadros: aquillo é nosso, é o passado; isto é vosso, é o presente. E, quem pode ler o porvir? Sombrio se nos apresenta!

Eu não creio, ou, pelo menos, creio muito pouco nas maldições da historia com que queria aterrar-nos um moderno declamador; mas creio, e creio muitissimo na justiça de Deus, que é couza mais seria. E creio tambem, que esse continuo sospirar da sociedade actual, o seu profundo mal estar, as suas angustiosas convulsões, não são mais que merecidas expiações de grandissimos crimes sociais, entre os quaes figura em primeiro lugar, talvez, a destruição das Ordens religiosas.

A sociedade moderna, ao declarar-se de maior idade, ao julgar-se emancipada, arrojou para longe de si a paternal tutela, que sobre ella exercia, desde eras remotas, o convento e o mosteiro, e, qual filho prodigo, esbanjou alegremente essa herança paterna, vivendo á larga, em meio de orgias e devaneos. E hoje, esgotado completamente o grande patrimonio, ávido, mais que nunca, de prazeres, de orgiarchicas festas, andrajozo, principia a ver um pouco mais claro, a divisar ao longe a luz dos tristes desenganos, e presente germinar em seu coração aquelle remedio heroico: — *Voltares a casa de meu pai.*

Sim; os olhos de muitos, que até aqui não queriam ver, voltar já suas vistas para essas ruínas que por suas mãos amontoaram, e a palavra — *Frade*, principia a ser sympathica de novo á presente geração, apesar de seus erros e preocupações. (1)

Despedaçados todos os laços sociais, preza a actual geração da mais degradante domagogia, outra vez se olha para o convento, de novo se sente a necessidade do frade, d'esse poderoso entremediario social, que nos ha-de reconciliar uns com os outros, que nos estreite em seu seio, em mutuo e fraternal abraço.

(Continua)

D. Feliz Salda y Salcany

(1) Para se ver o desejo que ha de ver as casas religiosas em pe, basta saber-se que o notavel livro de J. de Lemos, «Os Frades», tem 3.ª edição

SECÇÃO LITTERARIA

Saudemos a Virgem Maria (1)

Ainda que o inferno todo,
Feroz contra mim se levante,
Diga eu Virgem Maria,
Que ficarei triumphante.

Virgem Maria, vosso nome
Sirva para mim de escudo,
Que me livre do inferno
É me dê paz n'este mundo.

Soccorrei-me Virgem Maria
Pelo vosso nome sagrado;
Pois se Vós me soccorreis
Não viverei em peccado.

Nome santo de Maria!
Nome de illustre grandeza!
Por elle me livrai Senhora
De toda a casta d'impureza.

Co'migo o vosso nome,
Virgem Mãe quero trazer;
Por elle espero Mãe pura
Que me haveis de soccorrer.

Fuja de mim o demonio,
Cresça a minha devoção;
Porque eu á Virgem Maria
Entrego o meu coração.

Celirico da Beira,
6 de março de 85

Maria do Carmo de Sousa.

—•••••

Anna Aloisi-Masella

TRADUÇÃO DO ITALIANO

(Continuado de pag. 226. do 6.º vol.)

VI

A PROEVE ao Santo Pontifice Pio IX elevar Mgr. Aloisi á dignidade Archiepiscopal com o titulo de Neocesarça *in partibus infidelium*, e nomeal-o Nuncio Apostolico em Baviera em maio de 1877. Este, obrigado a sair de Roma, estava para se separar, mau grado seu, da sua pia e affectuosa sobrinha, e deixal-a voltar para casa dos paes.

Mas prevaleceu o conselho de pessoas graves e prudentes e do proprio confessor de Anna, que julgaram de vor ella continuar, mesmo em paiz estranho, a dirigir a familia que o tio lhe confiava, já que exercia havia tres

1 Publicando estes versinhos não temos em mira offerir a nossos leitores um primor de arte poetica, mas unicamente patentear a santa devoção da autora para com a SS. Virgem.

A Redacção.

annos em igual cargo em Roma, com aperfeiçoamento de suas virtudes e com utilidade e agrado de todos. Não se terem ellas enganado n'este ponto, evidentemente o mostrou o que depois aconteceu, parecendo que o Senhor queira tornar mais digna do céu com este novo sacrificio, a predilecta donzella.

Anna estava, segundo o seu costume, promptissima a conformar-se com tudo o que outros determinassem a seu respeito. Mas por muito que o separar se do tio lhe custasse, não menos pena devia ter dos paes, que tambem amava tanto, e que até então de voz em quando visitava, tendo que se afastar d'elles talvez por muitos annos, e ir viver n'uma região remota entre gente que, ainda que muito benévola, tinha lingua e usos que ella completamente ignorava. Taes sacrificios ter-lhe iam parecido pequenos se um convento se abrisse para a receber em terra, longiqua que fosse, mas ficar no mundo sem que ao menos pessoas conhecidas e amigas lhe alliviassem o exilio, era para ella grande descon-solação. Para lh'a diminuir, ainda que a resignadissima menina o não mostrava, quiz o prudente e affectuoso tio que os dous ir-nãos mais moços a acompanhasssem. Não esqueceu perguntar aos medicos que effeito teria o rigido clima de Munich na compleição fraca de Anna; elles porém entenderam que o frio, em lugar de lhe ser prejudicial, podia ser-lhe proveitoso, demais a mais estando ella então mais forte que o costume por disposição singular da Providencia.

Portanto no dia 22 de julho de 1877, Anna arrancando-se dos braços dos paes e das irmãs que desejou ver juntas em Pontecorvo, seguiu o tio que já a tinha precedido na capital da Baviera. Grande era a sua virtude, mas tambem vivissimo era o amor que ella tinha aos parentes e aos amigos; pelo que apenas se pôde imaginar a dor que sentiu tendo que os deixar. Tambem é possivel que Deus fizesse entender ao seu coração puro e simples que era a ultima vez que os via cá na terra. Na verdade, em quanto a amoroza filha dirigia palavras de doce consolação á mãe, que se desfazia em pranto, ao pao que a acompanhou até onde lho foi possivel, disse cedendo, como parecia, a impulso superior: «*Mou pae, esta é o ultimo abraço paterno que recebo*». Quem considerar como Anna fazia diligencia, sobretudo n'aquella occasião, para minorar a dor dos seus, e como mais tarde annunciou o seu proximo transito, não julgará esta supposição muito arriscada.

Anna ao principio de certo se assustou, vendo-se de repente transferi-

da para um paiz, onde não conhecia pessoa alguma, excepto o tio e os irmãos, e onde tinha além de tudo que governar uma familia. Mas bem depressa achou na sua rara aptidão e na sua mesma simplicidade innocente e desembaraço de maneiras, o meio de vencer todas as difficuldades, que a outros teriam talvez parecido insuperaveis. Alegrou-se sobretudo vendo perto de si o seu supremo auxilio e a sua consolação, a SS. Eucharistia que se conservava na capella da Nunciatura. Mas como na dita capella não havia imagem alguma representando o Sagrado Coração de Jesus, ella mesmo immediatamente procurou um bello quadro com a effigie do Divino Redemptor mostrando aquelle Coração que tanto amou os homens. Diante d'elle desabafava a piedosissima donzella com ardor de seraphim os seus purissimos affectos; alli, com simplicidade de creança, expunha ao Espirito celeste todas as suas necessidades e trabalhos, como se viu pela carta que depois da sua morte se achou justamente atravez d'aquelle quadro. E como a vida que devia ter em Munich, as suas muitas occupações e a grande aspereza do clima a impediram de visitar a miudo as igrejas publicas, recolhia-se muitas vezes entre dia n'aquelle oratorio para ella tanto mais agradável, quanto menos n'elle podia ser vista.

Tambem se proveu logo de um idoneo director espiritual. Foi elle o piedoso e douto D. João Baptista Huber antigo alumno do collegio Germanico e então secretario do Snr. Arcebispo de Munich. Mas muitas vezes e sobretudo no fim da sua vida guiava-se pelos conselhos do zelosissimo mr. Rodolpho Barão d'Oberkamp, conego da Sé Metropolitana. Estes dous dignos sacerdotes ainda hoje axaltam as virtudes raras de Anna e em especial a sua candura angelica que sempre conservou illibada.

Com taes soccorros ponde Anna continuar na Baviera e até aperfeiçoar a vida odificante que seguia em Roma. Foram sobretudo extraordinarios os progressos que ella fez, n'estes ultimos dous annos, no espirito de oração sem que isso a estorvasse de cuidar com summa diligencia e pericia pouco vulgar dos negocios domesticos e trabalhos de prendas, nos quaes era desitissima. Chegava a causar espanto a facilidade com que passava dos seus caros exercicios espirituaes a occupações tão varias e diversas. Quanto o seu espirito e o seu coração estivessem fixos em Deus, percebia-se já pelas ardentes jaculatorias e maximas dos santos escriptas por sua mão até em livros de administração domestica;

já pelos cantos espirituaes que se lhe ouviam cantar durante o trabalho, quando a alegria natural vencia a afflicção que muitas vezes lhe causavam os males alheios mais que os seus proprios, e particularmente o pensamento da desejada e nunca obtida tranquillidade do claustro.

Anna com a mesma ingenuidade tratava com as pessoas, que, apenas a conheciam logo a admiravam e vinham ás vezes conversar com ella ou desejavam que ella fosse visital-as; o que Anna humilde e discreta mais que ninguem, só fazia quando os deveres de menina bem educada a isso a obrigavam. Afim de não augmentar o numero de taes visitas aiém do que consentia a sua modestia, diligenciou o mais possivel ficar desconhecida. Mas não pôde obstar a que muitos nobres cavalheiros e senhoras illustres a notassem e se deleitassem na sua edificante companhia, estimando e amando sinceramente a modesta joven, tratando-a com toda a amabilidade, e mostrando claramente que o que a isso os movia mais eram os bellos dotes da virtuosa menina do que as suas relações de familia. A justiça e gratidão pedem que se faça menção especial do barão Carlos de Pffel, das suas nobres fillas, do conde Lefebvre de Béhaine, representante de França na Baviera, e de sua delicadissima esposa, que consagrou a Anna o affecto mais sincero e mais constante.

Esta porém preferia a companhia d'aquellas pessoas que enfermas ou afflictas precisavam da assistencia piedosa dos outros. Ha uma prova d'este seu costume caritativa n'uma carta que ella escreveu a 23 de fevereiro de 1879 a um conego de Roma: «Prefiro (assim se lê) ir a casa de amigas que sei que soffrem.» Depois tendo indicado algumas que então choravam a perda d'uma irmã amada, continúa: «vou lá para lhes dar um pouco de coragem.» *Confiança e coragem*, eram as palavras que Anna muitas vezes repetia a si mesma e a quantos via opprimidos de profunda tristeza, animando-os com rasões tão fortes e expondo-as d'um modo tão agradável que obrizava todos a amala e a admiral-a. «Eu amava tanto aquella alma bella, pura, doce e humilde» (assim escreveu uma senhora bavara apenas soube da morte de Anna); «ella foi sempre tão boa e tão amavel comigo. Só aquelles que conheceram como nós a saudosa finada é que sabiam quanto se dedicava ao bem do proximo.» E a esposa d'um diplomata francez, ainda que não tinha conhecido pessoalmente Anna, nem já estava na Baviera ao tempo de sua morte, escreveu a seu respeito o seguinte: «Aquel-

les que tiveram a ventura de a conhecer, admiravam os seus dotes encantadores, a sua doçura e a sua piedade junta a uma simplicidade que immediatamente attrahia todos.»

Dahi lhe veiu o nome de *anjo de bondade, anjo consolador*, que desde então se lhe deu e que apenas teve lugar o seu bomdito transito, foi repetido por tantas e tão differentes pessoas em mais de cem cartas escriptas em varias linguas. E parece que este nome lhe convinha não só pela sua vida innocente e benéfica, mas tambem pelo motivo nobre e celeste que inspirava todos os seus ditos e todas as suas acções. E na verdade merece ouvir-se o que a seu respeito escreveu o seu confessor de Munich: «O seu amor a Deus e ao Coração de Jesus e a sua devoção á SS. Virgem, o seu affecto ao tio, e o cuidado que tinha dos negocios da sua familia, tudo respirava a fé, mas uma fé pura e forte; e eu creio que ella teria perseverado na sua fidelidade ainda mesmo privada d'auxilios naturaes e até das consolações sensiveis da piedade.» E n'outra carta, o mesmo sacerdote exprime-se do modo seguinte: «A idéa fundamental da religião; a participação do sacrificio de Christo, immolando-se primeiro a si mesmo, e depois cooperando para a redempção e sanctificação dos seus proprios irmãos, eis o que Anna entendeu e quiz, sem talvez nunca ter sabido e querido exprimi-lo com palavras. Quiz ajudar a salvar os outros e segurar d'este modo a sua propria salvação.»

Duas senhoras havia muitas religiosas que especialmente attrahiam os cuidados amorosos e doces de Anna, que tambem sempre achou n'ellas o mais vivo e sincero amor maternal. Eram ellas a condessa viuva Jemima de Montgelas, que abjurou a heresia anglicana para entrar no seio da verdadeira Igreja de Christo, e a condessa viuva, Maria de Tattenbach, que tambem se fez catholica depois d'abandonar o schisma russo.

A virtude solida d'estas illustres damas foi bem experimentada pelo Senhor em toda a casta d'enfermidade e de angustias; era para ver como ellas e a piedosa donzella mutuamente se edificavam e animavam no servico divino.

Esta ultima foi adiante d'ellas para o céu, onde chegaram depois de novos e singularissimos merecimentos as virtuosas senhoras, morrendo a primeira a 30 de abril e a outra a 6 de outubro de 1881. A lembrança de Anna acompanhou estas piissimas senhoras até ao fim da vida, e são muito commovedoras as cartas que a seu respeito escreveram em quanto isto lhes

foi possível. A condessa de Tattenbach chegou a dizer que «os actos de virtude eram o pão quotidiano de Anna.» E a condessa de Montgelas lembrava sempre «as palavras que aquelle anjo me dizia tantas vezes: *coragem e confiança*!» e acrescentava: «eu creio que ella me ajudou a pôr em pratica esta maxima.»

Não foram só as virtudes e as boas acções de Anna, mas tambem o porte exterior e os seus modos ingenuos e modestos que lhe grangearam a estima e a admiração de todos na Baviera como outr'ora em Roma. Um conego da igreja metropolitana de Munich escreveu estas palavras: «Eu não tenho a honra de conhecer de perto a fallecida, mas as suas maneiras doces e benevolas, a piedade sincera que resplandecia no seu semblante, produziam em mim todas as vezes que a encontrava, a impressão a mais agradável.» E uma senhora exprime-se assim: «A sua alma pura e angelica resplandecia tão claramente nos seus bellos olhos, que era impossivel não se sentir uma pessoa contente estando ao pé d'ella.» Esta mesma senhora achando-se um dia perto da piedosa menina, em quanto ella rezava n'uma igreja de Munich, descreveu-a assim: «Ella tinha os olhos fitos no céo, n'uma attitudo tão nobre, pia e bella que parecia quasi extatica.»

Entretanto o Senhor tinha-lhe preparado allí mesmo em Munich a companhia de tantas religiosas, o que ella ardentemente desejava. Allí tem sua casa mãe a florescente congregação das Pobres Irmãs das Escolas de Nossa Senhora, e n'ella vivia ainda até 9 de maio de 1879 a veneranda superiora geral e com-fundadora d'aquelle benemerito instituto, soror Maria Thereza de Jesus Gerhardinger. Anna affeiçãoou-se muito ás optimas irmãs, e venerava mais do que se fosse mãe a superiora octogenaria. Ella por sua parte e as outras religiosas amavam Anna, cuja indole angelica e muitas virtudes apreciavam. E como não lhe era possível visital-as a miudo, contentava-se ao menos em tomar parte nas festividades que havia na sua capella; e quando recebia juntamente com as religiosas o pão celeste, parecia-lhe ser ella tambem uma d'aquelle numero predilecto. Agora debaixo da mesma capella e ao lado dos despojos mortaes da fundadora e de muitas irmãs ja chama-las á ceia nupcial do cordeiro divino, descança tambem o corpo virginal da innocente donzella.

(Continua.)

Maria Domingues de Mendonça (Loulé)

SECÇÃO ILLUSTRADA

O monte de S. Miguel e a abbadia da mesma invocação

LEVANTA-SE nas costas da Normandia, em França, uma porção de rochas graníticas, que, ao crescer da maré se torna n'uma ilha de formosa apparencia. Sobre essa pittoresca rocha eleva-se uma linda povoação, contendo umas duzentas casas, toda cercada de fortes muralhas e torreões, e coroando todo esse conjuncto de bellezas ergue-se a tão celebrada abbadia de S. Miguel, que deu, certamente, o nome ao monte, e cuja fundação data do VII seculo.

Os muitos milagres que por intervenção do santo Archanjo se realisaram ali, fez que devotas e numerosas peregrinações visitassem o sanctuario, tendo nomeada a Abbadia por toda a christandade.

Carlos Magno, e depois d'elle todos os reis de França ali foram e em 1469 fundou-se n'este sanctuario a muito illustre e notavel Ordem dos Cavalleiros de S. Miguel, ordem que, com os seus valentes cavalleiros prestou relevantes serviços á França quando os inglezes a invadiram, depois da batalha de Azincourt, pois que sendo o monte S. Miguel cercado pelo inimigo, nunca o estandarte de S. Miguel deixou de tremular em suas torres a par da branca bandeira de França, e ao esforço de cento e vinte cavalleiros e quarenta monges, capitaneados por Luiz d'Estrouville, deve a Normandia o ver levantar o cerco e rechaçados os sitiantes. Tratantes de monges e cavalleiros christãos!

Continuaram as numerosas romarias á celebre Abbadia até que a revolução de 1789 as fez suspender, porque o mosteiro foi profanado, em nome da *liberdade*!

Ha poucos annos foi de novo a Abbadia do monte S. Miguel restaurada e consagrada ao culto, mercê do Bispo de Coutances, que a pôde obter do Estado e não poupou sacrificios para a restaurar, entregando-a depois a uma congregação das missões.

II

Claustro da Abbadia S. Miguel

Tem esta magestosa caza e historico monumento, alem da

salla chamada do *Mont-gomme-ry* obra do seculo XIII e que tem de cumprido 70 metros e 12 de largura, do Refectorio, notavel construcção, e da salla dos cavalleiros, o esplendido clustro, grandioso pateo cercado de galerias, a que as suas formosas columnas, sustentando aliadados arcos ojivales, dão um aspecto imponente e grandiozo.

A nossa segunda gravura dá ideia d'esse esplendido conjunto de primores artisticos, que só os frades sabiam reunir, sem serem pesados a ninguem!

Hoje, os povos de muitas linguas em redor não esqueceram ainda o caminho que leva á grandioza igreja do milagrozo S. Miguel, e é junto dos altares do guerreiro celeste que elles pedem milhores dias para a França christianissima.

R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Os nossos leitores lembram-se do barulho que por este Portugal se fez por cauza de umas Pastoraes que alguns Prelados venerandos publicaram ácerca da Encyclica *Humanae Genus?* Lembram-se tambem da pedantesca arrogancia com que os ministros da coroa treparam acima de um alfarabio chamado a *Carta Constitucional*, para de lá, d'essas *em-nencias* as mais rasteiras, censurar os Bispos que tiveram por bem cumprir com os seus deveres? E não se terão esquecido da maneira como o *Progresso Catholico* e todos os jornaes catholicos do paiz combateram a estulticia dos das Portarias.

Pois enquanto a questão está palpitante de interesse, recomendamos a leitura de um livro que, sob o titulo do *O Beneplacito* acabamos de ler, devido á penna do nosso amigo e collega o Rev.™ Sr. P.º Ribeiro Coelho, redactor do *Commercio do Minho*. Leia-se este livro, compulsem-se as 150 paginas que o formam e ficar-se-ha sabendo o que foi, o que é, e o que deve ser o tão decantado Beneplacito Regio com que os coriptions da Revolução se querem escudar contra os raios soltados do Vaticano.

Damos os parabens ao auctor pelo seu trabalho e muito folgamos que elle produza o bem que está destinado a operar; e grande

bem seria se os apóstolos do liberalismo condemnado pela Igreja se disposessem a ler este livro, e outras obras de igual importância.

Veja-se o annuncio no lugar respectivo.

Está concluída e já posta á venda a obra importante que por vezes recommendamos, e que tão necessaria se torna ao clero, senão a todos os fleis; mas ao clero principalmente.

Fallamos das MEDITAÇÕES SACERDOTAES, ou o *Padre santificado pela oração*, obra que tem a sua millhor recommendação no nome do autor o Rev.º P.º Chaignon.

São 5 grossos volumes e o seu preço é de 45000 rs. Recommendamos esta obra como a millhor que no seu genero se haja publicado, e não nos cançaremos de recommendal a, porque sabemos não é de mais tudo quanto se faça para propagar os bons livros

Ao editor o Snr. Chardon, aquem podem ser feitos os pedidos, agradecemos a offerta d'um ex. d'esta obra.

Podem os pedidos ser feitos tambem á redacção do *Progresso Catholico*.

Alberto dos Guimarães.

RETROSPECTO DA QUINZENA

A NOSSA primeira noticia seja a de que o nosso bondoso e virtuosissimo Prelado, o Exc.º e Revd.º Snr. Arcebispo Primaz se acha quasi restabelecido dos seus encommodos. Congratulando-nos com tal noticia, pedimos a Deus nosso Senhor não faça esperar a nossa acção de graças pelo total restabelecimento de S. Exc.º Rev.º

O Em.º Snr. Cardeal, D. Americo, Bispo do Porto, empregando toda a sua influencia, obstou que a municipalidade do Porto, deixasse cair o camartello destruidor sobre o convento da Ave-Maria. Bem haja S. Em.º e o Senhor recompense um tal serviço.

Quanto vale a protecção dos Prelados! Que de arrasamentos se evitariam se Elles se oppossem á acção dos vandalas do seculo desenove!

E bem necessaria se torna a influencia dos Bispos, porque a Re-

volução ameaça a sociedade, e ameaça-a de morte.

Em França no dia em que se festejava o anniversario da proclamação da Communa, foram tantas as reuniões anarchicas, tantas as blasfemias, que bem se pôde temer alguma cousa, saída de tantas cabeças desvairadas. Numa das reuniões havidas em Marselha soltaram-se as seguintes horrorosas palavras:

«A insurreição é um dos deveres mais sagrados. — Nem Deus, nem amo. — Para conseguir a igualdade e a anarchia, temos de recorrer á Revolução. — Nós já temos polvora; falta-nos, porém, pão.

Que tal? Não acham que só a Religião pôde conter estas feras?

Sob a epigraphic *E' para lamentar*, publica o nosso esclarecido collega e companheiro do Funchal, *A Verdade*, o seguinte, que, com pesar transcrevemos:

«Consta-nos que com grande difficuldade se poderão este anno realisar na Sé Cathedral, as funcções da Semana Santa, em virtude de se achar muito reduzido o corpo capitular. Os dois rev.ºs conegos, unicos que possui a nossa Sé, reuniram-se na semana finda no Paço episcopal, atim de combinarem com o Exc.º Prelado o meio mais facil de resolver as difficuldades que se apresentam.

E' para lamentar a deserção que se nota nas nossas cathedraes, não podendo os principes da Igreja celebrar os actos do culto catholico com o esplendor e pompa que demandam.

E' á incuria dos nossos governos que se deve attribuir as lacunas que se notam na celebração dos divinos officios, tirando-lhe assim grande prestigio e valor aos olhos dos fleis.

Temos o triste presentimento de que em breve, serão fuchadas as portas da nossa Cathedral.»

Não podemos atinar com a razão porque os homens que dominam em Portugal tanto se empenham em roubar o esplendor da Igreja! E mais nos custa a atinar em nome de que direito estes senhores calcam aos pés as venerandas tradições de um povo, respeitadas atravez oito seculos, reverenciadas por muitas gerações!

Lamenta o nosso collega que haja de fechar-se a Sé do Funchal, e nós lamentamos uma desgraça maior ainda—ver no Paço Episcopal os habitantes da cazerna, e na

Sé o pinotear das bestas de algum regimento de cavallaria.

Tudo pôde ser, se a maçonaria mandar os nossos governantes que arrasem tudo, o pouco que de pé ainda está.

Mas, digamos com o nosso collega—*E' para lamentar*.

O notavel jornal catholico que se publica em Bombaim, India Ingleza, sob a denominação de *A India Catholica*, transcreveu o artigo do *Progresso Catholico*, que acompanhava o retrato de S. Ex.º Rev.º o Snr. Arcebispo de Goa, e faz preceder o mesmo artigo das seguintes palavras que muito e muito lhe agradecemos, assim como o tornar conhecido o dito artigo:

«O Arcebispo Primaz de Goa.

O retrato d'este energico e distincto Prelado adorna as paginas do ultimo numero do *Progresso Catholico*, acompanhando-o o artigo que em seguida, com muito prazer, transcrevemos. E' um justo preito que aquella excellente revista catholica tributa ao nobre Primaz, que tão desassombradamente propugna n'estas paragens pela pureza da doutrina catholica e pela integridade da nossa santa fé. Um jornal delicado ao progresso catholico não podia furtar-se ao dever de honrar os seus mais valorosos campeões.»

Louvamos a Deus por vermos ecoar em terras indianas a voz do *Progresso Catholico* em prol do venerando Primaz do Oriente.

Nós de ha muito que conhecemos a *Voz do Christão*, porque é contrabando para nós quem se diz christão, no tempo em que ha catholicos, e quem se chama christão sem ser catholico.

Demos ja a nossa opinião acerca da tal *Voz do Christão* e não estavamos para dizer mais, a tal respeito, em vista do silencio dos nossos collegas.

Lemos, e folgamos que o nosso esclarecido collega do *Commercio do Minho* lesse tambem o que segue:

«Conduzem o corpo de Jesus para a sepultura e a Virgem acompanha-o; e apesar da pedra sepulchral se cerrar Maria não foge de lugar tão triste por que, embora o filho se esconda no tumulo o coração da Mãe irá atravez do mesmo examinar os seus ossos, analysar a contextura do seu corpo, e quando a acção do tempo reduzir a pó esses ossos e decompor esse corpo quando os ventos arremessarem para os es-

faças esse pé que já foi um homem o coração de mãe dirá ainda aos ventos—*dae-me o meu filho, dae-me o meu querido filho.*»

Este ultimo gripho é do artigo, o anterior é nosso, diz o nosso collega.

Renan, para negar a divindade de Jesus Christo, não o fazia melhor do que a *Voz do Christo*. São cousas de *christãos*; nós os catholicos vemos as cousas de outro modo.

E, já que estamos com a penna na mão sempre diremos, que o Snr. P.º Brandão, que não viu o que a sua *Voz* disse de Jesus Christo, como ha de ver os artigos civados de falsas doutrinas espalhados pelo *Diccionario de Educação e Ensino*, que se propoz limpar?

Parece que o Snr. ministro das Chagas está seriamente zangado, porque em terras da India portugueza entrara uma *partida* carlista commandada pelo proprio D. Carlos, representante da legitimidade hespanhola. A ser verdade o que as gazetas dizem o homem tem razão, porque não só em terras de Portugal d'Alem-mar entrou o chefe do partido tradicionalista da nação visinha, se não tambem, o que é assaz forte, foi hospedado em casa do Governador Geral da India! do que representa em tão longinquas paragens o Snr. D. Luiz I!

A' vista d'isto, quando o Snr. Visconde de Paço d'Arcos, convida para seu palacio o Snr. D. Carlos VII, de Hespanha, quem se ha de admirar de ver o Snr. D. Luiz I hospedar no seu palacio em Lisboa, o Snr. D. Miguel II, quando este Principe se resolver de novo a visitar Portugal?

E melhor é assim. Deixemo-nos de odios, de rancores politicos. Vale mais sermos todos amigos.

Não haverá quem diga ao Snr. Chagas que se não zangue?.....

Parece que teremos, trasladadas para portuguez, as obras de Santa Thereza de Jesus, da santa doutora e fundadora, a quem alhespanha e a Igreja tanto devem.

Propõe-se fazer a edição portugueza das obras da santa poetisa e escriptora notavel o muito revd.º Snr. P.º David Lopes dos Santos Valente, a quem damos desde já os parabens e a quem offerecemos o pouco que podemos para que as ditas obras, tão repassadas de piedade, tão impregnadas dos olores da poesia christã, se espalhem bem por este nosso paiz, infelizmente

tão emporcalhado pelos escriptos de homens sem pondonor nem religião.

Deus nosso Senhor, por intervenção da veneravel carmelita, Santa Thereza de Jesus, abençoe o digno sacerdote e lhe proporcione meios de levar por diante uma empreza tão santa, para que, com a leitura de seus livros, possa a Santa Doutora, ter imitadoras em Portugal.

Participa-nos um amigo do *Progresso Catholico*, o passamento do Snr. Prospero Maria do Rego, respeitavel cavalheiro de Santa Eulalia de Palmeira, depois de contínuos e penosos soffrimentos. Character nobilissimo, alma cheia de virtudes, como nos informam, a sua alma, deve ter recebido as recompensas da outra vida: e se não recebeu, e as orações de nossos leitores lhe são allivio, não lh'as neguemos, que por nós outros amanhã as elevarão ao throno do Altissimo.

P. N. e A. M., pois, por alma do finado.

Continuamos a pedir tambem as orações de nossos leitores pelas melhoras d'alguns assignantes e amigos do *Progresso Catholico*, assim como a despertar a sua caridade a favor da infeliz senhora por quem pedimos ha tempos.

Annuncia-se a apparição de uma serie de biographias sob titulo de *Vultos Historicos*, publicação mensal sob a direcção de Augusto Porfirio de Carvalho Pereira e Manoel Maria Augusto da Silva Bruschy.

Do prospecto que temos presente transcrevemos o seguinte:

«Enceterá brevemente a sua publicação uma serie de memorias biographicas com o titulo de *Vultos Historicos*, onde sejam restituídas ás verdadeiras e justas proporções as biographias d'aquelles vultos, e a narração d'aquelles factos historicos, que aos apostolos do erro interessa desfigurar, infiltrando, nas pessoas alheias a aturados estudos, idéas falsas e erroneas.

Uma galeria, onde successivamente se vão apresentando as notabilidades historicas, nacionaes e estrangeiras, que mais tenham figurado e mais importantes papeis tenham desempenhado no mundo scientifico, litterario, politico, religioso ou artistico, de todos os tempos; um pequeno livro de modico preço, de 50 paginas, nitidamente

impresas, onde sejam escrupulosamente archivados os factos historicos da epoca do biographado, não os inventando nem os desfigurando: fornecer d'este modo aos menos lidos, com a biographia d'uma celebridade, a historia singela e verdadeira do seu tempo: tal é o peculiar character da nova publicação.

Os *Vultos Historicos* sahirão regularmente todos os mezes, pelo preço de 100 reis cada numero, tanto para Lisboa como para as provincias, sendo as assignaturas pagas adiantadamente, e nunca por menos de tres numeros. A cobrança em Lisboa será feita no acto da entrega, e a das provincias por meio de vales de correio, remetidos a Augusto Porfirio de Carvalho Pereira, rua do Bemformoso, 171, 1.º andar, a quem devera ser dirigida toda a correspondencia relativa aos *Vultos Historicos*.

Applaudimos o tentamen de uma publicação de tal ordem e o pouco que valemos fica desde já ao serviço da empreza para a divulgação dos seus trabalhos.

Venham, venham os *Vultos Historicos*.

Recebemos e muito agradecemos á illustre direcção, o RELATORIO E CONTAS DA CONFERENCIA DE S. VICENTE DE PAULO DA CIDADE DE BRAGA, e muito folgamos com o estado prospero e valiosos socorros que dispensou durante o anno findo.

A caridade christã é sempre grande, quer se envolva na roupeita dos filhos de S. Vicente de Paulo, quer na touca das Irmãs da Cidade. Os europeis com que se cobrem as associações philanthropicas do nosso seculo, seriam nada, e a miseria e a orphandade cairiam, mortas de fome em meio das praças e ruas das nossas cidades se não fosse a filha predilecta do christianismo—a caridade.

Os nossos parabens aos membros da Conferencia de S. Vicente de Paulo da cidade de Braga.

Tambem recebemos o Relatorio da direcção da Sociedade Martins Sarmento, lido em Assembléa Geral de 16 de março findo.

Muito agradecemos a deferencia, e fazemos votos porque seja cada vez mais prospero o estado d'esta Sociedade.